



## NEM CARDIOPATA, NEM ABRIGADO: SIMPLEMENTE UMA CRIANÇA PRECISANDO DE CUIDADOS

Eixo Horizontal: EH4: EQUIPES DE SAÚDE  
Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Francineti Maria Rodrigues Carvalho; ROSEANA GOMES LEAL DOS SANTOS;

A hospitalização infantil constitui-se em um fenômeno complexo, necessitando ser compreendida em suas diferentes facetas por meio do envolvimento de atores que legitimem ações pela garantia integral ao direito à saúde da criança em sua totalidade. Nos serviços de saúde as crianças portadoras de patologias cardiovasculares no SUS, tem a garantia de um atendimento integral preconizado pelo Ministério da Saúde, por meio da portaria 1.169/GM em 15 de junho de 2004. É nesse contexto de atendimento que também se encontram inseridas as crianças advindas dos Serviços de Acolhimento Institucional que integram o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), com interface com outros serviços da rede socioassistencial, quanto aos demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos. Este artigo objetiva relatar a experiência vivenciada por profissionais do setor psicossocial da Clínica Pediátrica da Fundação Pública Estadual Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (FPEHCGV), no Pará, no acompanhamento e elaboração de um plano terapêutico singular para uma criança cardiopata proveniente de um espaço de acolhimento institucional. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado por profissionais do setor biopsicossocial da Clínica Pediátrica da FPEHCGV, referência em tratamento de cardiopatias, atendendo crianças na faixa etária de 0 a 12 anos proveniente dos diversos municípios do Estado do Pará. A clínica possui 20 leitos, um isolamento, brinquedoteca e classe hospitalar. A terapêutica cirúrgica faz parte do tratamento da criança com diagnóstico de cardiopatia. A pesquisa foi realizada no mês de setembro de 2018, utilizando-se das intervenções dos profissionais do psicossocial. Citamos o caso específico de uma criança de sete anos de idade com cardiopatia proveniente de um espaço de acolhimento institucional. A internação foi com o objetivo de tratamento da cardiopatia, estando sob a responsabilidade do espaço de acolhimento. A chegada da criança na clínica mobilizou a equipe, já na entrevista de acolhimento surgiram as primeiras dificuldades, ela não contava com a presença de familiares, dificultando a realização da anamnese, não tínhamos informações importantes sobre sua história de vida, atrapalhando a elaboração do plano terapêutico. No primeiro contato a criança apresentou reações de agressividade, medo e ansiedade. A equipe se viu desafiada a romper os muros do hospital para garantir a integralidade do atendimento. Foi necessário um olhar mais amplo que abarcasse as diferentes áreas do saber para atender os determinantes sociais de saúde-doença que este caso revelou no cotidiano dos profissionais. Nos resultados destacamos o fortalecimento da nossa visão da infância como uma categoria social que necessita de proteção e cuidados integrais que só podem se garantidos a partir de uma prática coletiva e multiprofissional. A experiência possibilitou reflexões e diálogos extramuros do hospital, que nos fizeram entender que o cuidado de uma criança vai além da compreensão de sua cardiopatia e dos aspectos emocionais que envolvem seu adoecimento. É imprescindível conhecer sua história de vida, articular com a rede de serviços de apoio na busca da garantia de uma assistência holística, ética, que respeite a sua individualidade diante dos agravos e dos cuidados necessários ao processo saúde-doença.